

Antologia de escritores Contemporâneos

Volume 09

Julho/2020
1ª Edição

Copyright © 2020 by autores. O conteúdo desta obra é de responsabilidade dos autores, proprietários do Direito Autoral.

Todos os direitos reservados. Proibido a reprodução no todo ou em parte, sem autorização prévia dos autores e editora, sejam quais forem os meios empregados. A violação dos direitos dos autores é crime estabelecido no Código Penal.

Organizadora: Dolores Flor

Revisão: Simone de Sousa Naedzold / Antonio Cesar Gomes da Silva

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

L632a

Leite, Dolores Flor da Cruz (Org.)

Antologia de escritores contemporâneos /
Dolores Flor da Cruz Leite (Org.). – 1. ed. –
Sinop, MT: Ações Literárias Editora, 2020.

120 p.; 14x21cm.

Volume IX

ISBN 978659901487-1

1. Literatura brasileira - poesia. 2. Versos. I.
Título.

CDU 82-1

CDD B869.91

Índices para catálogo sistemático

Literatura brasileira: poesia 82-1

Literatura brasileira: poesia B869.91

EDITORA AÇÕES LITERÁRIAS

CAIXA POSTAL 785 – SINOP - 78.551-350

FONE (66) 99643-5501

www.escritorescontemporanos.com.br

SUMÁRIO

Falando com nossa homenageada	18
<i>Simone de Sousa Naedzold</i>	18
A cruz.....	31
A história	32
Tarde chovente.....	33
Solidão	35
Lágrima	34
Sambiqueira	36
Era uma vez no Mestrado	38
O encantador de borboletas IX.....	44
Jacinaila Louriana Ferreira	47
Filhos	47
Mary Cloe	49
Versos	49
Vento	50
Janete Rosa da Fonseca.....	51
Um amor com fronteiras.....	51
Gabrielle C. Oliveira Braz de Campos	54
Laranja e canela.....	54
Dar valor ao ato	55
Eidi Martins	56
Insensatez	56
Amor não vivido.....	57
Jocafe.....	58
Nostradamus	58
O Bêbado e a bailarina	59
Maria Cristina de Sá Pereira	60

Síndrome do ninho vazio	60
Marlete Dacroce	62
Ser mãe.....	62
Flor mulher.....	63
Jean Carlos Dacroce	64
Um ser em conflito	64
Vânia Gonçalves Castilho.....	65
Abandono.....	65
Leni Zilioto	67
Passos	67
Reencontro.....	68
Mafala Ya Mbumba	69
Suplantar do Nvumira	69
Rosane Gallert Bet.....	73
Gerundiando.....	73
Maria Clara Flor	74
Estudar.....	74
Dolores Flor.....	75
Vida	75
Amanda Lima de Oliveira.....	76
Cores marcadas	76
Liberte-se.....	77
Mafalda Moreno.....	78
Criar.....	78
Ilusão	79
Antonio Cesar.....	80
Minha luz	80
Três haicais para a Luz.....	81

Andréa Miriam Laurindo Siqueira.....	82
Abismo	82
Vilson Roque Bocca	83
O Menino que não tinha tempo de ler.....	83
Um dedo de prosa	86
Mariana de Sousa Naedzold.....	87
Para vocês, mães!	87
Victória de Melo Maggi	89
Andorinha	89
Bifurcação	90
Leandro Sampaio.....	91
Caminhos e escolhas	91
Vitória Gabriela Glinke Rodrigues	93
Alma esmaecida.....	93
Lenir Maria	94
Stories.....	94
Genesis.com.....	95
Danielly Eduarda Ferreira de Lima	96
Essa dor é profunda.....	96
Há um lugar obscuro	97
Lucila Tereza Rockenbach Manfroi.....	98
Poema de várias faces	98
Estudar é preciso... ..	99
Tirza Lopes Fialho Menezes	101
A imensidão azul	101
João Marcelo Naedzold de Souza	103
Epitáfio comum	103
Marilene Sousa Henning	105

Amo te amar	105
Onde encontro o amor	106
Ireneu Bruno Jaeger	107
Para o Pai.....	107
Segredos.....	108
Maria Fernanda Ferreira	109
A hora certa	109
Mily	110
Alucinação.....	110
Darcília Lebron Vargas	111
Incompreensível mundo dos "normais"	111
No berço do mundo	112
Celine Vitória Martins	113
Astronauta	113
Bernadete Crecêncio Laurindo	114
Enlace	114
Quadro	115
Manoel Rodrigues Leite	116
Fim do coreto	116

AO LEITOR

Eis a ANTOLOGIA DE ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS, Volume 09, da Ações Literárias Editora.

Aqui, a Escritora Homenageada é SIMONE DE SOUSA NAEDZOLD! Ela é catarinense, nascida lá pelas bandas do mar, aonde o sol e a noite começam e terminam o dia. O mar que guarda o segredo do fim do mundo. Cenário majestoso, inspirador, que bem explica toda essa poesia manifesta na portentosa obra da escritora Simone.

Este é um livro que, como os anteriores da série, se perfila no aformoseamento da palavra, para falar de sentimento, de querer, de pensar, de ver...

Na linha da palavra poetizada, embelezada de poesia, vemos os textos que compuseram este volume, dando-lhe o toque da arte escrita, carregada de Alma, a exemplo dos anteriores.

Iniciando-se pela Escritora Homenageada, participam também, desta Obra: Jacinaila Louriana Ferreira, Mary Cloe, Janete Rosa da Fonseca, Gabrielle C. Oliveira Braz de Campos, Eidi Martins, Jocafe, Maria Cristina de Sá Pereira, Marlete Dacroce, Jean Carlos Dacroce, Vânia Gonçalves Castilho, Leni Zilioto, Mafala Ya Mbumba, Rosane Gallert Bet, Maria Clara Flor, Dolores Flor, Amanda Lima de Oliveira, Mafalda Moreno, Antonio Cesar,

Andréa Miriam Laurindo Siqueira, Vilson Roque Bocca, Mariana de Sousa Naedzold, Victória de Melo Maggi, Leandro Sampaio, Vitória Gabriela Glinke Rodrigues, Lenir Maria, Danielly Eduarda Ferreira de Lima, Lucila Tereza Rockenbach Manfroi, Tirza Lopes Fialho Menezes, João Marcelo Naedzold de Souza, Marilene Sousa Henning, Ireneu Bruno Jaeger, Maria Fernanda Ferreira, Mily, Darcília Lebron Vargas, Celine Vitória Martins, Bernadete Crecêncio Laurindo, Manoel Rodrigues Leite.

Muito há de se encantar e viajar o Leitor que, qual **Astronauta**, exsurge do **Abismo**, alcançando **A Imensidão Azul**, nas asas do **Vento**. Ao **Abandono** de um feliz **Reencontro** e, tal como **O Bêbado e a Bailarina**, ao som de **Três Haicais para a Luz**, dança, dança...

○ **Suplantar do Nvumira** municia a **Vida**, a **Ilusão**, fazendo do **Amor não Vivido**, ou do **Amor com Fronteiras**, um viver de **Cores Marcadas**, de **Caminhos e Escolhas**, com **A Hora Certa** para felizes **Stories**.

Nessa viagem, vai o leitor, por certo, num colóquio com **O Encantador de Borboletas**, **Estudar a Alma Esmacida** de uma **Flor Mulher**.

A Tarde Chovente convida para **Um Dedo de Prosa**, e a **Andorinha** esvoaça pela amplidão, completando o **Quadro**, **Gerundiando** preguiçosamente, um **Poema de Várias Faces**.

Em meio à evanescência de um fim de tarde, o céu tingido de cor **Laranja e Canela**, **Para Vocês, Mães**, à ausência dos **Filhos**, ao

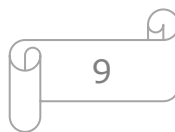
“a(parto)” dos braços, dos olhos, lhes sobrevirá a melancolia retratada na **Síndrome do Ninho Vazio...**

Onde Encontro o Amor é pergunta que responde a **Alucinação**, com seus **Segredos** ocultos desde tempos imemoriais, já **No Berço do Mundo**. Ela responde, indiferente, sem se ater a **Epitáfio Comum**, que **Há um Lugar Obscuro**, onde mesmo **Um Ser em Conflito** pode encontrar o amor e se dar ao encantamento da luz.

No **Fim do Coreto**, a manhã encontra o sol, e a noite se recolhe aos confins do silêncio, mas a viagem não termina...

Boa leitura!

Bernadete Crecêncio Laurindo
Escritora



NOSSA HISTÓRIA NOSSOS ESCRITORES



Simone de Sousa Naedzold

1973. Nasci Simone Teresinha de Sousa, numa família de agricultores e pescadores. Mais tarde, na terceira série, quando já estava lendo, descobri que o Teresinha não existia. Só Simone de Sousa e que a data de meu aniversário não era 25 de março e sim 12 de maio de 1973. Coisas de registros de meu pai. Nasci em casa, em Nazaré, município de Imaruí, no interior do litoral de Santa Catarina. Eu fui a quinta criança a nascer na família. Meus pais tiveram ainda mais duas meninas depois de mim. Somos em sete irmãos. Tenho dezoito sobrinhos e sete sobrinhos-netos.

1981. Entrada na Escola Municipal Isolada Ponta da Custódia – Escola de e no Campo multisseriada.

1984. Conclusão da quarta série.

1985. Li muito.

1986 – 1989. Não estudei. Tive de sair de casa para trabalhar de empregada doméstica. Eu tinha 13 anos.

1989. Retomei os estudos no Projeto LOGOS II, em Imbituba, para finalizar o Ensino Fundamental. Não pude concluir em função de mudar de emprego. Fui para Florianópolis. Continuava empregada doméstica.

1992. Como queria muito estudar, meus patrões me matricularam numa Escola Particular. Era supletivo noturno. Duas séries por ano. Quem pagava era eu. Até hoje não entendo como fui parar numa escola particular, mesmo havendo próximo ao endereço que em vivia uma Escola Estadual que ofertava ensino de Educação de Jovens e Adultos noturno.

1993. Conclusão do Ensino Fundamental. Início do Ensino Médio.

1995. Conclusão do Ensino Médio.

1997. Aprovação no vestibular e início a Graduação em Letras Línguas Portuguesa e Espanhola e Literaturas Brasileira, Portuguesa e Espanhola. Bolsa-Auxílio na Universidade Federal de Santa Catarina. Deixei de ser doméstica.

2001. Fiz estágio de Língua Portuguesa na Escola Estadual Jurema Cavallazzi em Florianópolis – primeiro semestre. Conclusão

da Graduação. No segundo semestre, assumi algumas turmas de EJA na mesma Escola do estágio. Meu primeiro vínculo como Professora. Era a Escola na qual poderia ter estudado.

2002. Mudança de Florianópolis para Sinop, Mato Grosso. Casamento. Professora de Língua Espanhola e Literatura Brasileira I e II na Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat Sinop.

2003. Nasce Mariana de Sousa Naedzold, a primogênita. Professora de Língua Espanhola na Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat Sinop. Concurso para a Prefeitura de Sinop em Língua Portuguesa.

2004. Assunção do Concurso na Prefeitura de Sinop. Professora de Língua Portuguesa, 40 horas. Início da Especialização em Didática do Ensino Superior, pela Unic-Sinop.

2005. Nasce Júlio César de Sousa Naedzold.

2006. Conclusão da Especialização sob orientação da Professora Doutora Albina Pereira de Pinho Silva.

2007. Concurso público para a Rede Estadual. Exoneração, a pedido, da Prefeitura Municipal de Sinop.

2008. Assunção do Concurso Público para Professora, 30 horas semanais, de Língua Espanhola.

2009. Seletivo Cefapro. Centro de Formação e Atualização do Profissionais da Educação Básica. Aprovação e assunção do seletivo.

2010. Através de convênio com a Embaixada da Espanha no Brasil, passei o mês de julho em

Granada, Espanha. Fiz curso intensivo de Língua, Literatura e Cultura na Universidade de Granada destinado a Professores de Espanhol do mundo inteiro.

2011. Seletivo para a Assessoria Pedagógica de Sinop. Aprovação e assunção do seletivo.

2014. Conclusão do seletivo na Assessoria Pedagógica.

2015. Cefapro. Seletivo de Mestrado Profletras.

2016. Início do Mestrado. Proficiência em Língua Espanhola.

2018. Conclusão do Mestrado. Inscrição para o seletivo da Academia Sinopense de Ciências e Letras. Proficiência em Língua Francesa.

2019. Assunção da cadeira 33 na Academia Sinopense de Ciências e Letras. Moção de Aplausos pela Câmara de Vereadores de Sinop, através do Vereador Joaninha. Seletivo Doutorado.

2020. Início do Doutorado. Proficiência em Língua Inglesa.

3. Publicações

TCC Especialização: Um olhar sobre os cursos de formação continuada dos profissionais da educação: um desafio em construção, sob a orientação da Professora Doutora Albina Pereira de Pinho Silva, 2006. Preparando o original para publicação pela Ações Literárias.

Texto XI: Artigo - 'Variação linguística na escrita de estudantes do terceiro ciclo e os

desafios para a construção da consciência fonológica’. Anais do XV Conaell, 2018.

Dissertação: Produção textual com uso de gêneros memes e fanzines no desenvolvimento de capacidades de leitura e escrita de estudantes do oitavo ano do Ensino Fundamental’, sob a orientação da Professora Doutora Leandra Ines Seganfredo Santos. Disponível no *site* da Unemat-Sinop.

4. Participações

Texto I: Artigo - ‘Os saberes experienciais docentes como catalizadores no processo de uso das tecnologias digitais e telemáticas no desenvolvimento de projetos de aprendizagem’. IV Seminário de Tecnologia da Unemat-Sinop, 2009. Texto em parceria com Aparecido Borges da Silva e Teofanis Teresinha Zabot Anjos.

Texto II: Artigo - ‘Formação docente em EAD potenciada pelas tecnologias digitais e telemáticas: alguns desdobramentos iniciais’. SEMIEDU-UFMT, 2009. Texto em parceria com Albina Pereira de Pinho Silva e Edneuzza Alves Trugillo.

Texto III: Artigo - ‘Trabalho com projetos de aprendizagens e as tecnologias digitais na formação continuada de educadores’. Texto publicado no livro “Formação de educadores: uma vivência com projetos de aprendizagem mediados pelas tecnologias”, organizado por Albina Pereira de Pinho Silva; Marli Cichelero e

Oldemar Weth, 2012. Texto em parceria com Albina Pereira de Pinho Silva; Richéle Timm dos Passos da Silva; Sandra Regina Braz Ayres.

Texto IV: Resenha - 'Pedagogia da variação linguística: conhecê-la para melhor atuar em sala de aula'. Revista de Letras Noroeste, v. 9, n. 20, 2016. Texto em parceria com Leandra Ines Segnanfredo Santos.

Texto V: Artigo - 'El Cid, Otelo, Martín Fierro e Rodrigo: novos olhares, antigos caminhos'. Anais XIV Conaell, 2017. Texto em parceria com Karina Egias do Nascimento.

Texto VI: Artigo - 'A influência da língua alemã na fala dos brasileiros: estudos preliminares'. Web-Revista Sociodialeto. v. 7. n. 20, 2017. Texto em parceria com Neusa Inês Philippsen.

Texto VII: Artigo - 'Análise Sociolinguística de textos produzidos por estudantes do Ensino Fundamental anos finais: primórdios'. Web-Revista Sociodialeto. v. 8. n. 22, 2017. Texto em parceria Wendell Camilo Desposiano.

Texto VIII: Artigo - 'Protocolos de escrita no ensino fundamental sob os olhares da teoria bakhtiniana do dialogismo'. Revista Acta Semiotica et Linguística. v. 22, 2017. Texto em parceria com Leandra Ines Segnanfredo Santos e Albina Pereira de Pinho Silva.

Texto IX: Artigo - 'A produção textual como pretexto para o desenvolvimento de capacidades de leitura e escrita de estudantes do 8 ano'. Anais do Congresso Regional do Profletras-Região Centro Oeste, 2017. Texto

em parceria com Leandra Ines Seganfredo Santos.

Texto X: Artigo - 'Teorias da linguagem e suas influências na análise de discurso francesa e brasileira'. Anais do XV Conaell, 2018. Texto em parceria com Cristinne Leus Tomé.

Texto XII: Artigo - 'Transposição didática: a movimentação/transição didática dos saberes em sala de aula'. Revista de Letras Norteamericanas. v. 11. n. 27, 2018. Unemat-Sinop. Texto em parceria com a Leandra Ines Seganfredo Santos.

Texto XIII: Artigo - 'Alimentação presente na cantina escola: condições e produção e enunciação'. Anais ENCAESES, v. 3. Unemat Cáceres, 2018. Texto em parceria com Cristinne Leus Tomé.

Texto XIV: Artigo - 'Perspectivas contemporâneas na formação dos professores de língua espanhola no contexto da Amazônia Legal: desafios e instabilidades. Texto publicado no livro "Formação, docência e práticas pedagógicas em linguagens: diferentes contextos em diálogos" organizado por Leandra Ines Seganfredo Santos; Albina Pereira de Pinho Silva; Neusa Inês Philippsen, 2018. Texto em parceria com Guisella Eliana Huaman Vargas.

Texto XV: Artigo - 'Projeto Ensino Médio Inovador: caminho para a educação integral'. Texto publicado nos Anais do XV Encontro sobre Investigação na Escola. 2018. Texto em parceria com Sandra Mara Mezalira.

Texto XVI: Artigo - 'A relação de nunca acabar entre grupo de pesquisa, escola e formação continuada: experiências em análise de discurso'. Texto publicado nos Anais do XV Encontro sobre Investigação na Escola. 2018. Texto em parceria com Cristinne Leus Tomé.

Texto XVII: Artigo - 'Prova unificada: construindo identidades'. Revista Reenoma. Cefapro-Sinop, 2019. Texto em parceria com Dirlei Heck Carvalho; Ivonete Giachini.

- **Conto:** 'O encantador de borboletas I', na Antologias de Escritores Contemporâneos volume I, da Editora Ações Literárias, organizada por Dolores Flor, 2019.

- **Tradução:** A escritora Bernadete Crecêncio Laurindo escreveu "Versos e seus reversos", 2019, e antes de publicá-lo fez a tradução para o Espanhol. Livro bilingue publicado pela Editora Ações Literárias.

- **Contos:** 'O encantador de borboletas II, III, IV, V, VI, VII, VIII e IX', na Antologia de Escritores Contemporâneos volume II, III, IV, V, VI, VII, VIII e IX, da Editora Ações Literárias, organizada por Dolores Flor, 2020.

Falando com nossa homenageada

Simone de Sousa Naedzold

1 - AL: Como foi o seu primeiro contato com a Literatura?

R: Simone: Meu primeiro contato com a Literatura deu-se quando eu estava cursando a segunda ou terceira série multisseriada na Escola Municipal Isolada Ponta da Custódia, em Nazaré, Imaruí, Santa Catarina. Era uma Escola do e no Campo no interior do litoral catarinense. Por ser Escola do/no Campo, sempre recebíamos livros usados das Escolas Urbanas. Muitos já em adiantado estado de decomposição e faltando páginas. Mas era o que tínhamos. Eu fui alfabetizada na segunda série, em 1982. Líamos textos dos livros didáticos e, como faltavam páginas, terminávamos as poesias, os contos ou as crônicas sem conhecer os originais. A professora passava os textos no quadro e copiávamos. Assim conheci Cecília Meireles nestes anos de segunda, terceira e quarta séries. Retrato é a poesia dela que aprendi neste período. Tenho memórias bem nítidas dessa época. Essa Literatura aos pedaços mudou minha vida. Foi ali que decidi ser professora. Foi ali que decidi que queria sempre estudar.

2 - AL: Você escreve mais textos científicos e as principais diferenças entre esses textos e os literários estão no objetivo e no modo como são construídos. Como você faz para diferenciar os momentos que você está produzindo ambos os textos?

R: Simone: São tempos distintos, porém estão relacionados. Quando estou produzindo textos científicos, busco na publicação de outros autores informações que já foram publicizadas para aprofundar meu conhecimento. Na produção de contos, crônicas e poesias as ideias vêm. Às vezes, fico refletindo sobre elas e amadurecendo-as. Enquanto não escrevo, elas não saem da cabeça, do pensamento. Escrever para mim funciona como a 'penseira' do Harry Potter.

3 - AL: Os textos não-literários contribuem com seus processos de construção de textos literários?

R: Simone: Sim. Enquanto estou estudando textos científicos, muitos conhecimentos vão se formando através das relações que fazemos com outros conhecimentos já construídos. Nossos letramentos ou multiletramentos estão sempre se realocando, se modificando. Quando leio, por exemplo, a crítica literária de Antonio Candido, de Bakhtin e de tantos outros sobre a Literatura, essas leituras também me influenciam. Quando se estuda a metaliteratura, quando se observa um crítico

realizando uma análise literária de um conto, de uma poesia, de uma crônica, buscando cada detalhe, até mesmo o que o autor não vê, cada memória de palavra, cada verso, cada rima e esse vai destrinchando a poesia, o conto, a crônica é lindo demais. No início eu pensava se era tudo aquilo que existia no texto. Depois, realizando minhas próprias análises, penso que o trabalho da crítica é fundamental para o processo de escrita autoral. Cruz e Sousa não seria Cruz e Sousa sem a crítica, assim como muitos outros escritores. E esse processo de leitura da crítica provoca um amadurecimento maior na hora da escrita literária.

4 - AL: Fale-nos um pouco do seu trajeto científico e literário e de quando você começou a escrever os contos as poesias.

R: Simone: Neste período de 1983 e 1984 eu já rabiscava poesias. Em 1985 eu ia para Escola sem estar matriculada, pois só havia ensino até a quarta série. Eu estava com dez ou onze anos. Os textos que escrevi perderam-se pelos caminhos. Alguns tenho resgatado pela memória. Mas não é a mesma coisa. Meus pais não terminaram a quarta série. Quatro, de meus seis irmãos, também não. Duas irmãs e eu terminamos o Ensino Médio. Mas somente eu fiz Graduação, Especialização, Mestrado e agora, 2020, matriculada no Doutorado. A compreensão para quem saiu do interior e vive buscando um lugar ao sol é que não são situações fáceis. São lutas diárias.

Possibilidades que se esvaem por falta de recursos financeiros. Além disso, há processos de construção de conhecimentos que parece pararam no tempo. Quando falei para uma de minhas irmãs, que terminou o Ensino Médio, que havia passado para o Doutorado, ela me perguntou se eu ia fazer medicina. Sempre gostei de escrever. Na faculdade de Letras, meus resumos eram maiores, às vezes, que o original. Não significa que eram melhores, longe disso. Mas que meu pensamento precisava e precisa de espaço para se desenvolver.

5 - AL: Como é o seu processo de escrita literária? Qual é a sua inspiração?

R: Simone: Eu amo o silêncio. É no silêncio que os pensamentos brotam, que as ideias eclodem e é dele que vem minha inspiração depois da leitura de um livro, de um processo de reflexão. Eu escrevo sem pensar, a priori, em gramática. Escrevo ideias, descrevo imagens, relatos, sentimentos, emoções. E gosto muito da minha vida hoje. Tenho segurança no meu esposo e nos meus filhos. Essa realidade, desde 2002, me permite escrever contos, crônicas e poesias com mais tranquilidade. Eu escrevo para tirar os pensamentos da cabeça. Eles querem sair. Se não escrevo, eles ficam ali martelando.

6 - AL: Você é professora, como você vê a Literatura hoje na sala de aula no dia a dia com adolescentes e jovens?

R: Simone: Sim. Estou professora concursada em Língua Espanhola na Rede Estadual de Educação de Mato Grosso. Atuo no Ensino Médio. E sou de opinião de que a Literatura deveria voltar a ser uma disciplina como fora outrora e não um conteúdo de Línguas Portuguesa, Inglesa, Espanhola. É perceptível conversar com um estudante que lê muito e com um que lê pouco. As ideias são distintas. O repertório linguístico também. A leitura promove, provoca mudanças nas nossas atitudes e, do meu ponto de vista, nos faz viver melhor. O estudante que lê muito, de modo geral, tem poucas dificuldades em quaisquer das 13 disciplinas que estuda no Ensino Médio. Não estou falando de conteúdo. Pois, às vezes, um ou outro conteúdo são mais complexos. Estou me referindo à construção de conhecimentos que só são possíveis através de relações entre outros conhecimentos existentes. É um aprendizado em espiral, como observa Jerome Bruner. Em 2018 trabalhei com estudantes do primeiro ano 'As linhas de Nazca' do Perú. Trabalhamos leitura, cultura, Literatura, sociedade, notícias, reportagens. Assistimos vídeos e produzimos textos e pesquisas diversas. Construimos conhecimentos. Então eu vejo que a Literatura está imbricada com a leitura, com o processo de construção de conhecimento dos nossos jovens e proporcionar a eles essas aprendizagens é fundamental para que possam

ter base para construir novos conhecimentos. Como um processo de 'scaffolding'.

7 - AL: Qual o papel da Literatura na formação de adolescentes e jovens?

R: Simone: Eu vejo a Literatura como super, mega importante no processo de aprendizado de todos nós, nos adolescentes e jovens, mais ainda. Tanto os textos clássicos, como os modernos devem fazer parte da vida leitora dos estudantes, principalmente. Não há nada de errado em ler Harry Potter, As crônicas de Nárnia, Percy Jackson, Meios, Sósias, Versos e seus reversos, Antologia de Escritores Contemporâneos, O rio dos poetas. Assim como não há em ler Os assassinatos da Rua Morgue, O tempo e o vento, As mentiras que os homens contam, Navio negreiro, Broqueis, O cortiço, Memórias póstumas de Brás Cubas, Romeu e Julieta, Grande sertão: veredas ou Cem anos de solidão. São tempos diferentes. Maneiras de ver o mundo diferentes. Cada escritor traduz o seu tempo, o seu processo de construção e os traços da cultura, da Literatura, da sociedade de cada época ficam impregnados nos textos. Ao lermos, essas impressões saltam aos olhos, nos prendem, nos puxam para a leitura e isso é fantástico. Nossos jovens leem pouco, por mais que haja livros novos e antigos dos mais variados gêneros na Biblioteca da Escola em que atuo.

8 - AL: Como escolher um título para indicar para a sala de aula?

R: Simone: Em 2020 estou professora de mais ou menos 700 estudantes semanalmente. Em sala, falo de obras literárias que são importantes que conheçam, não porque ouviram falar, mas porque leram. Sempre oriento os estudantes a buscar na Biblioteca livros de Literatura Brasileira produzida em Mato Grosso para conhecerem o local e o regional. Na Escola Estadual Enio Pipino tem uma estante com esses títulos. Livros de Ireneu Bruno Jaeger, Klaus Henrique Santos, Santiago Vilela Marques e muitos outros. Indico também livros de Literatura espanhola: Gabriel García Márquez, Eduardo Galeano, Isabel Allende, Gabriela Mistral, Pablo Neruda, Horácio Quiroga, Jorge Luis Borges e muitos outros escritores. São orientações que podem auxiliar os estudantes a escolher títulos que lhes agradem.

9 - AL: Qual a melhor forma de ler para os alunos?

R: Simone: Ler para os estudantes seja em Língua Portuguesa ou em Língua Espanhola é uma maneira de incentivá-los. Cada turma, e eu tenho 20, possui uma dinâmica diferente. Não há uma única forma. Às vezes, lemos em voz alta cada um por vez; às vezes, leio para os estudantes. São processos que vão se alternando de turma a turma. O importante é sempre ler. Ler a produção dos estudantes e

propiciar momentos para que possam ler a própria produção também é uma maneira de fazê-los pensar no processo de produção de escrita deles.

10 - AL: Quantas vezes você revisa seus textos antes de sentir que eles estão prontos? Você mostra seus trabalhos para outras pessoas antes de publicá-los?

R: Simone: Os textos científicos que produzo, geralmente, são em coautoria. Esse processo é muito interessante, porque entrelaça olhares. Cada autor vai colocando suas palavras, seu modo de pensar e as ideias vão encadeando-se. Com os textos literários, no início era diferente. Não mostrava a ninguém. De repente, por isso, muitos se perderam. Hoje releio quantas vezes forem necessárias. Penso na reação do leitor, no entendimento que terá, nas angústias, alegrias que o texto suscitará em cada um. Cuido com as palavras, considerando que não há palavras sem memórias, conforme Mempo Giardinelli. E essas memórias das palavras possuem significados ou sentidos diferentes em cada tempo. Lembro do texto do Valter Figueira 'As quatro enxadas' em que na cabeça do Zé eram quatro enxadas, literalmente, quatro objetos que se usam para capinar a terra. Na cabeça de Fabriciano, quatro enxadas, era igual a quatro corpos para trabalhar. São memórias que as palavras carregam e significam cada

uma a seu modo dependendo da ocasião e do contexto.

11 - AL: Quais escritores influenciaram o seu processo de criação literária, desde o início?

R: Simone: Como já afirmei antes, Cecília Meireles me acompanha desde criança. Minha professora Arina que me alfabetizou também. Neste processo de terminar os textos sem ter conhecimento do original, proporcionou uma dinâmica diferente no processo de criação literária. Além disso, também fazem parte dos influenciadores os citados nas questões sete, oito e treze e muitos outros.

12 - AL: Quais são os seus próximos projetos literários?

R: Simone: Quero publicar, até 2021, um livro de crônicas, um de conto e outro de poesia. São metas. Agora que estou resgatando minhas memórias e meus escritos, quero imortalizá-los com as publicações e a Editora Ações Literárias oportuniza esse processo de produção. E isso é muito bom e por isso sou muito grata.

13 - AL: Quais são seus escritores/livros favoritos?

R: Simone: Cecília Meireles. Todos os livros dela. Manoel de Barros. Todos os livros dele. Santiago Villela Marques. Santigo conheci na Unemat em 2004. Sempre lindo. Sempre exalando Literatura. Apaixonei-me por seus

textos. Por sua escrita. Pelas memórias de suas palavras. Santiago falava de poesia e carinho. Conhecimento e amor à Literatura. Em função de minha admiração por esse escritor, escolhi-o para ser meu Patrono na Academia Sinopense de Ciências e Letras, cadeira 33. Outros escritores como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Érico Veríssimo, Luis Fernando Veríssimo, Mario Quintana, Castro Alves, Rubem Alves, Marli Chiarani, Helenice Joviano Roque de Farias, Klaus Henrique Santos, Leni Zilioto, Dolores Flor, Clarice Lispector, Bernadete Crecêncio Laurindo, Marta Helena Cocco, Maria da Paz Sabino, Raul Caldas Filho, Cristovão Tezza, Holdemar Meneses, Urda Alice Klueger, Gabriel García Márquez, Eduardo Galeano, Isabel Allende, Gabriela Mistral, Pablo Neruda, Horácio Quiroga, Jorge Luis Borges e muitos outros estão na minha lista de favoritos.

14 - AL: Qual obra sua que você gostaria de destacar?

R: Simone: Na Literatura, a obra a destacar neste momento é 'O encantador de borboletas' que público partes na Antologia de Escritores Contemporâneos, volumes de I a IX. Na parte científica, destaco minha Dissertação de Mestrado. Ela está disponível no *site* do Programa de Pós-Graduação da Unemat-Sinop, aba Profletras. Mestrandos de 2018. Terceira turma. Foi um texto lindo de se escrever. O título 'Produção textual com uso de gêneros memes e fanzines no desenvolvimento de

capacidades de leitura e escrita de estudantes do oitavo ano do Ensino Fundamental', sob a orientação da Professora Doutora Leandra Ines Seganfredo Santos, praticamente resume todas as ações durante dois anos. Desenvolvi a parte prática com estudantes de uma Escola Pública de Sinop. Um trabalho que me proporcionou desafios complexos, mas também muitos conhecimentos.

15 - AL: O que você acha que mudou no seu processo de escrita ao longo dos anos? O que você diria a si mesma se pudesse voltar à escrita de seus primeiros textos?

R: Simone: Eu penso que a maturidade nos traz sabedoria. Estou com 47 anos. Quando jovem eu ficava com os pensamentos martelando na cabeça e não escrevia muito. Até que as ideias iam embora. Hoje eu escrevo. Mas se voltasse ao passado, primeiro teria guardado meus rascunhos com mais cuidado. Como disse, muitos se perderam, principalmente, os primeiros. Às vezes, a gente escreve e pensa que não é bom o que escrevemos. Relemos. Descartamos. Parei de fazer isso nos últimos 20 anos. Mas somente em 2019 comecei a publicar textos literários. Hoje vejo a Maria Fernanda, o Willians Andrey, o Mafala Ya Mbumba, a Kiara Baco Anhon produzindo textos belíssimos e tão jovens! É isso. Penso que diria para mim: - Vai, se arrisca. O não você já tem.

16 - AL: Qual dica você deixaria para escritores iniciantes, com base em suas próprias experiências?

R: Simone: Escrevam. Leiam muito e escrevam muito mais. Acreditem no potencial criativo de vocês. Seus pensamentos são únicos. Guardem seus rascunhos, apresentem a obra prima. Coloquem seus pensamentos no papel. Publiquem. Sejam realizadores de seus caminhos. Não importa a classe social. Busquem seus caminhos. As adversidades nos fazem chorar muitas vezes. Mas quem disse que viver seria fácil. Oscar Wilde disse que “Viver é a coisa mais rara do mundo. A maioria das pessoas apenas existe”. Então, não seja mais um a só existir.

Textos da autora

A cruz

A cruz carrega a vida
Nos braços das orações
Pela pressa que caminha
Já perdeu muitas razões

Não vai sozinha, a donzela
Não quer parar ao cair
E leva consigo sempre
A vida que nunca quis

Sabendo do seu tormento
Muitos saem a saudar
Com panelas e bandeiras

E fazem convite ao chá
Mesmo tendo a consciência
Que vida não haverá

A história

De Camões até Cecilia
De Quiroga a D'Halmar
Sempre no meio há
Um Fabiano a passar.

Não importa muito épocas
Nem correntes ou razões
O certo é que nunca houve
Outro cerne igual Camões

Nem mesmo além dos mares
Para o Sul ou para o Norte
Muitos Fabianos tristes

Cansados, buscando a morte
No leito de sua sorte
De Covid dezenove.

Tarde chovente

Naquela tarde chovente
Depois do cansaço do dia
De carona a saudade
Vem trazendo a nostalgia.

Juntas fazem o jantar
Juntas começam a cantar
Depois da louça lavar
Saem para ver o luar.

Se vale a pena olhar
A paz que do céu resvala
É certo que num sorriso.

Às vezes a dor se instala
E não precisam partir
E nem desfazer a mala.

Lágrima

Coisa mais estranha é a lágrima.
Quando choramos deitados,
olhando para o céu,
as lágrimas entram
em nossos ouvidos
e, além de senti-las,
ouvimo-las.

Quando deitamos de lado,
as lágrimas sempre passam
por cima de nosso nariz
e se juntam
às do outro olho
formando
uma cascata.

Há lágrimas que caem
de forma involuntária
há outras
que caem
sem razão
mas as mais importantes e sinceras
não saem dos olhos
caem do coração.

As lágrimas possuem
a estranha função de curar
de limpar,
de fruir,
de fluir,

de abrir caminhos
de fazer caminhos.

As lágrimas confortam,
alimentam a alma,
renovam a alvorada
e mostram o crepúsculo.
As lágrimas nos livram
da tristeza
dos temores
das dores
dos dissabores.

Coisa mais estranha é a lágrima.

Solidão

E a solidão chorou
Chorou de não mais poder
Chorou de se desfazer
Chorou de desfalecer

Viver longe de quem se ama
Não há razões para explicar
Sentimento corta o peito
Lágrimas se põem a rolar

Só quem vive desse jeito
Com essa saudade ou defeito
Pode então esclarecer
Que dor pior do que essa
Por mais se tenha pressa
Só passa mesmo ao morrer

Sambiqueira

Hoje fui ao mercado e vi um pacote diferente junto aos pacotes de congelados e nele estava escrito Sambiqueira.

Peguei minha carcaça e fui saindo e pensando que carcaça é um nome tão feio e se refere aos pedaços de ossos de frango; Sambiqueira devia ser pedaços de frangos também, mas qual parte? Sambiqueira é um nome bonito.

Fui para casa. Fiz minha sopa com a carcaça, jantei e fui dormir. Mas, a todo momento, me vinha a imagem da tal Sambiqueira, que eu não fazia a menor ideia do que era.

Não teve jeito. Levantei. Fui ao dicionário. Encontrei que Sambiqueira é a "porção terminal do corpo das aves no formato de um apêndice triangular".

Pensei: - O que é isso???

Seguindo na definição, leio: "o último ossinho embaixo da coluna vertebral".

Ai já estava com a cara em riso.

Li o exemplo: "Caí e bati com a Sambiqueira no chão".

Confundi.

Não era referente à ave???? Como é que eu caí e bati a Sambiqueira?? Uma ave não escreve dicionário??!!

Analisando o formato da ave em uma foto ao lado da definição no dicionário, observo uma flechinha apontando para o cú da galinha.

Pacote de sambiqueira é igual a um pacote de cú.

Passei o resto da noite rindo e lembrando do exemplo do dicionário, da flecha e do cú da galinha... e da Sambiqueira.

Era uma vez no Mestrado

Maria era casada e tinha um filho. Com o tempo compreendeu o processo de fomento ao preconceito de muitas e variadas formas que havia aprendido desde que nascera e isso a incomodava.

Com as reflexões e com os estudos, tornou-se uma pessoa mais tranquila, mente aberta e, naturalmente, passou a respeitar os outros, sejam eles quais forem.

O marido não lia, não queria estudar, porque, segundo ele, já sabia o suficiente. Esse processo de aprendizado e mudança com seu esposo não aconteceu.

Muitas vezes, Maria passava vergonha por vê-lo proferir palavras preconceituosas, machistas e ofensivas aos negros, quilombolas, índios e às pessoas que pertenciam ao grupo LGBTQ+.

Maria acabou separando-se dele. O filho seria educado numa outra perspectiva.

Fez Graduação, Especialização e resolveu se inscrever para o Mestrado. Conseguiu a vaga com muito estudo e esforço. Iniciou o curso. Solicitou afastamento de suas atividades como professora para poder dedicar-se ao Mestrado. Conseguiu cinquenta por cento. Mas já ajudava. Precisava viajar a cada 15 dias por quase mil quilômetros para participar das aulas

presenciais. Mas Maria não desistia. Os primeiros seis meses foram uma prova de fogo. Deixar o filho com pessoas da família para estudar era a mais agonizante das ações.

No Mestrado, Maria fez amizade com Ana, colega de turma. Nestes primeiros seis meses foram selecionados os orientadores da Dissertação, que é um texto final que se apresenta para a Universidade para a obtenção do título de Mestre.

Maria e Ana não conheciam seus orientadores. Não eram professores da Universidade em que estudavam. O orientador de Maria era um Professor Doutor visitante e a orientadora de Ana, uma Professora Doutora ligada a uma Universidade parceira nos cursos de Pós-Graduação.

No primeiro encontro com seu orientador, Maria percebeu que não ia ser fácil. Ele falava Francês na maioria do tempo e Maria compreendia pouco. Por isso, iniciou os estudos de Francês. Ana teve, parece, uma sorte melhor. A orientadora dela lhe indicou vários livros para leitura e um específico para resenha. Estipulou prazos.

O curso seguia. No segundo encontro de orientação, o orientador de Maria disse-lhe que não era preciso estudar Francês, mas que Maria poderia passar mais tempo com ele. Maria não

quis entender o que acontecia e respondeu que continuaria estudando.

Com Ana, a situação fora um pouco mais delicada. Ela estava grávida e a orientadora não gostou. Falou para Ana: - Como você engravida durante o Mestrado? Você não terminará ele!!. Não é possível carregar um filho no ventre e estudar! Como você pensa em terminar esse curso? Você sabia que se uma pessoa desiste do Mestrado, a Universidade precisa fazer várias justificativas e mais, mais e mais falas. Ana ficou arrasada.

Ana e Maria se encontraram na sala de aula na semana seguinte. Conversaram. Assumiram o compromisso de ajudarem uma a outra. E juraram não desistir. Juraram aguentar. Já havia sido sofrido demais chegar até ali. Ana rezava muito. Estudavam. Faziam as pesquisas necessárias. Escreviam. Maria enviara já um relatório para o órgão que concedeu cinquenta por cento de Licença Qualificação. Precisava organizar o segundo. Logo terminaria a parte de disciplinas presenciais, ficariam somente com as orientações que poderiam ser feitas a distância.

O orientador de Maria continuava assediando-a. Num dos encontros insinuou que Maria estava sozinha, separada, com um filho para criar e que poderia não terminar o Mestrado se o orientador desistisse de orientá-

la. Maria não se rendeu. Mas, naquela noite, chorou o mais que pode, de tristeza, de raiva, de agonia e de decepção. Não entendia como uma pessoa estudada poderia fazê-la passar por essa situação.

Continuou sua pesquisa, mesmo sem a devida orientação. Pensou em relatar para a Coordenadoria de Pós-Graduação da Universidade, mas refletiu e entendeu que poderia ser pior.

Ana teve de suportar outras cargas. A Orientadora não compareceu. Enviou email e pediu para que enviasse as pesquisas referentes a Dissertação por email, se é que ela tinha feito alguma coisa. Ana chorava de raiva e de tristeza. E falava para Maria: - Gravidez não é doença. Não atrapalha o processo de cognição. Por que essa professora me humilha assim?? Resolveram fazer uma pesquisa sobre a vida dos orientadores e na semana seguinte fariam o relato. Perguntando aqui e ali. Olhando o Lattes, comparando as datas. Concluíram.

O orientador de Maria era casado, tinha dois filhos e, aparentemente, era uma pessoa tranquila. Participava de dois projetos de pesquisa e publicava regularmente dois ou três artigos por ano. Maria fazia parte de um desses projetos de pesquisa. Maria e Ana não entendiam o porquê do assédio.

A orientadora de Ana era solteira, não tinha filhos e vivia trabalhando para várias Universidades Brasileiras e de fora do país. Seu Lattes era uma máquina. Três, às vezes, quatro livros por ano como organizadora e/ou escritora. Fazia parte de três projetos de pesquisas. Era parecerista de várias revistas e editoras famosas. Não sobrava tempo para respirar. De repente, por isso, não aceitava a gravidez de Ana. Ficaram mais tranquilas conhecendo seus orientadores.

Maria sabia que deveria manter-se firme e Ana que deveria estudar mais. Resolveram produzir artigos e submetê-los para publicação. Dos três escritos, dois foram aceitos. Mas se, entre os escritores, houvesse um Doutor, poderiam tentar em Revistas Qualis A1 ou A2, avisou uma das Revistas.

Resolveram conversar com uma professora da Universidade que sempre foi muito compassiva com os estudantes. Ela disse não e justificou que Ana e Maria tinham orientadores e era com eles que deveriam publicar.

Pensaram. Convidaram a orientadora de Ana. Ela aceitou na hora. Colocaram o nome dela. Submeteram o artigo em uma Revista Qualis A1. Foi aceito.

No final do segundo semestre tinham dois artigos publicados em Revistas com Qualis

bom, haviam sido Aprovadas na Qualificação e passaram na prova de Proficiência. Ana fez Inglês e Maria, Francês.

Nos terceiro e quarto semestres não houve aulas presenciais. As orientações foram a distância e Maria falava somente o estritamente necessário com o orientador que a assediava. Afastar-se dele foi bom. Maria agora chorava menos e conseguia manter-se mais focada nos estudos e Ana aproveitou para adiantar as pesquisas antes do bebê nascer. Sua orientadora, mesmo com a cara ruim, apontava alguns caminhos possíveis para análise e sugeria leituras que pudessem auxiliá-la no processo de escrita da dissertação.

O bebê de Ana nasceu em maio. Ela conseguiu adiantar boa parte da pesquisa, agora precisava terminar os capítulos e realizar as análises dos materiais produzidos. Maria também estava adiantada, mas ainda faltava materiais para a análise. Teria tempo. Defenderam. Ana com o filho no colo. Choraram. Amizades que serão eternas.

O encantador de borboletas IX

Enomis gostava mesmo era de ler. Estava sempre com um livro velho na mão. Entrou na Escola aos sete anos. Aos oito estava alfabetizada. Aos onze terminou a quarta série. Disse aos pais que havia reprovado. Aos doze continuou frequentando a Escola sem registro e já segurava a turma quando a professora Anira precisava faltar.

E quando era obrigada a ir para as roças com o pai e os irmãos, lia a terra, as plantas, o caminho e comia maracujá roxo que, geralmente, se encontra no meio do mato e corria atrás dos cachorros quando estes achavam a toca de algum tatu ou cheiravam o rastro de alguma lebre.

Lia a mãe indo levar almoço e café na roça.

Lia os dias que passavam no engenho raspando a casca da mandioca com faca para lavá-la e depois cevá-la. A ceva era um processo em que a mandioca era colocada em uma caixa e embaixo havia uma lixa grosso que moía a mandioca. A princípio eram os bois que moviam a lixa. Mais tarde, era a energia elétrica.

Lia os irmãos mais velhos apertando os tipitis nas prensas para tirar a água da mandioca cevada. Tipitis eram balaios feitos de lascas de bambu com as bordas mais fechadas

e mais achatados que serviam para levar a massa para a prensa.

Lia a vizinha que acordava as duas horas da manhã para mexer no forno em que era torrada a massa de mandioca para fazer a farinha.

Lia a si mesmo esfarelando e peneirando a massa que saía dos tipitis para ser colocada no forno.

Lia sua mãe separando massa e temperando-a com açúcar, canela, cravo para fazer beiju após a vizinha torrar a massa do dia.

Lia o pai buscando lenhas no mato para colocar no forno e enchendo os sacos de farinha torradas para vender ou guardar no rancho.

Lia as irmãs lavando a massa para fazer polvilho e a mãe fazendo roscas.

Lia a mãe separando e costurando sacos de algodão para colocar o polvilho no sol para secar.

Enomis sabia que não viveria muito tempo ali. Com 13 anos de idade foi trabalhar fora. Chorava toda a noite com saudades de casa. Mas aguentava. Queria uma vida diferente.

Durante alguns anos ficou perdida. Mudou de casa. Voltou a estudar a noite. Queria fazer faculdade de Letras para aprender a ler e escrever melhor. Teve a oportunidade de viajar para outros estados.

Numa dessas viagens, conheceu Icleo. E de alguma maneira soube que o amor já habitava em seu ser.

Escritores



Contemporâneos

Jacinaila Louriana Ferreira

Sinop-MT

Para meus filhos

Filhos

Um pedaço de mim
Soltou-se
Se desprendeu
Na parição
a **parto**
-parte de coração-

Preciso estar perto
No aperto
De seu abraço
Me completo...

Descoberta

A coberta colocada
Sobre mim
Voou

Vento levou....

Uma vez descoberta
Da carga de preconceitos
Redescobri-me...
E agora livre

Pra lá

E pra cá

Solta... feito

Flor-de-vento

Sou mulher
Meu destino quem faz
Sou eu!
Dona dos meus gostos
Engula agora seu desgosto!
Escolha outra rota...

Coberta,
-Quando descoberta-
Foi queimada...
Mulher empoderada
Não se abala nada!

Mary Cloe

Bauru-SP

Versos

meus versos
vou escrever,
primeiro tenho
que ler você
São versos bobos de amor,
O amor é bobo é daí?
Por mais bobo que seja
Cada um tem o seu...
O amor nos causa estranheza
Percorre pelo corpo até nosso cérebro
Aí vem as reações, há quem diga que ama
com coração!
As reações são intensas,
arrepios e calafrios
Tremores e mãos geladas
as pernas ficam bambas.
O coração, ah pobre coração!
A pulsação vai a mil
Tem que estar bem saudável
Para tantas emoções...
Os olhos são responsáveis
Por toda essa reação
Olhares que se encontram
Se perdem nessa emoção

Vento

O vento quer levar meu chapéu
Leve também as tristezas
Os pesos e lamentos

Leve as indagações
As inquietações da vida
Os desamores e ilusões

Leve a mentira
As palavras que machucam
A incompreensão que nos surpreende

Leve tudo que é inconveniente
Que nos deixa descontente
Deixe a paz reinar em mim

Leve tudo para longe
Traz leveza para alma
Águas tranquilas me acalma

Janete Rosa da Fonseca

Aquidauana-MS

Um amor com fronteiras

Era janeiro, e os meses de janeiro, naquela região, costumavam trazer uma brisa agradável. Mesmo sendo verão, as manhãs e as noites ainda eram geladas, pois as temperaturas mínimas sempre giravam em torno dos 15 graus Celsius. Por estar espremido entre o mar e as montanhas, o lugar, pelo menos, era o que os moradores acreditavam, atribuía um ar de melancolia a quem ali residia.

Para Júlio, não era diferente, a vida não tinha sido muito generosa com ele, parecia que todos os seus amores, por algum motivo, mais cedo ou mais tarde, lhe abandonavam. E não era devido a sua aparência certamente. Dono de uma beleza singular, olhos negros e cabelos negros que lhe adornavam o rosto de uma pele de cor canela, que o distinguia dos demais habitantes do lugar, era um romântico e sofria por cada tentativa frustrada de encontrar o amor de sua vida.

Após ter passado por algumas frustrações amorosas, Júlio havia se resignado a sua solidão e vivia dedicado ao seu trabalho, sem imaginar que aquela noite de janeiro mudaria completamente sua vida.

Ana estava chegando naquele vilarejo para passar férias, vinda de uma região completamente diferente da de Júlio, onde as temperaturas amenas, giravam em torno dos 30 graus, era dona de uma alegria contagiante. Os cabelos longos e loiros e o riso fácil e farto, contrastavam com a baixa estatura de Ana.

O encontro de Júlio e Ana, aconteceu no primeiro dia da chegada dela naquele lugar e não, não era um conto de fadas, muito longe disso, afinal, ambos eram já bem maduros e carregavam marcas que os impediam de acreditar nisso. Mas o encontro entre eles promoveu uma aproximação entre duas pessoas, completamente diferentes e ao mesmo tempo tão iguais. Para Júlio ela era a mulher mais adorável que ele havia conhecido em muito tempo. E em sua mente experimentava uma projeção cada vez maior de sua imagem sorrindo sempre.

Para Ana, ele era tudo o que lhe faltava, com Júlio se sentia uma pessoa melhor, podia ser ela mesma o tempo todo. Passavam muito tempo juntos e a necessidade um do outro se tornava cada vez maior. Mas existia algo com que ambos não contavam, como o amor era cada vez maior, a necessidade de estar sempre juntos também, porém, viviam em países diferentes, tinham toda uma vida profissional construída em seus países e romper assim, na fase em que se encontravam, representaria um risco muito grande que os amantes teriam que correr.

Mas, quando se está apaixonado, não se consegue ser racional e quando Ana regressou a seu país, deixou em Júlio um vazio imenso que as mensagens trocadas através das tecnologias disponíveis na época não eram capazes de suprir. Júlio não hesitou, rompeu com tudo, família, amigos, carreira, tudo o que havia construído ao longo dos seus quarenta e cinco anos de existência e partiu ao encontro de sua amada Ana, afinal o amor não tem fronteiras, não é mesmo?

Porém, ao chegar ao país de sua amada Ana, se deparou com muitas fronteiras a transpor, era um estrangeiro em um país com costumes completamente diferentes do seu, mal falava o idioma e não podia ser visto na companhia de Ana publicamente, devido ao cargo que a mesma ocupava e alguns segredos que ocultava, sua fronteira passou a ser um pequeno apartamento de apenas três cômodos, onde passava os dias fechado aguardando pela noite e pela chegada de seu grande amor.

Por ter passado toda sua vida espremido entre o mar e a montanha, viver agora espremido entre aquelas paredes, mas, com a certeza de que todo dia um raio de sol cheio de alegria e amor invadiria sua vida e transformaria tudo, fazia com que Júlio se sentisse bem e tivesse a certeza de que aquela era só mais uma fronteira que ele precisaria transpor para poder viver plenamente ao lado de sua amada.

Gabrielle C. Oliveira Braz de Campos

Várzea Grande-MT

Laranja e canela

Existem dias em que existo na minha
imensidão
E é imenso é o meu ser
Dançando solta aos quatro ventos
Os cabelos voam e os sonhos também
Existem dias em que quero apenas o toque
calmo
Daquela música que diz tanto sobre mim
Eu sempre digo tanto sobre mim
No olhar, no gesto, na ação, no sentir
Talvez eu seja intensa demais
Ou os sentidos aguçados demais, tanto faz
Toco o sol na ponta dos dedos cada vez que me
permito
Meu riso frouxo e o recuo rápido
Quando sinto espinhos beirando os pés
Sigo meu caminho sempre aberto
Quero ter a mesma dança num outro lugar
Pés descalços, a saia se arrasta na terra
O vento que me invade o corpo os sentidos e
os arrepios
Deixo para trás aromas de laranja e canela,
sempre eu, sempre ela.

Dar valor ao ato

Eu não me inspiro
Eu me esvazio

Sou o jarro translúcido
Reluzente de todo nada
Sem nenhuma flor ornamentada
Sem ardor e nenhuma mágoa

O copo vazio permanece
Sobre a superfície esquecida
Meu corpo leve de tanto não ser
Desaparece nesse magma de vida

O que me faz buscar tanto
Ser preenchida, ser esse tanto?

Porque não parar e sentir?
A falta do tudo, que corre em mim

Aceitar o espaço
Dar valor ao ato
De me preencher.

Eidi Martins

Carlinda-MT

Insensatez

A gente ama
A gente perde
A gente sofre
A gente ama outra vez

A gente vive um tempo que não volta
A buscar um amor de ilusão
A gente promete tanto pro coração
Que o pobre não sente alegria, só revolta

Aí a gente jura (mente)
Que essa foi a última vez
E tudo se aquieta
No peito reina paz e calma
Mas olha só, quem diria
O coração saltando novamente
Que tamanha insensatez

Amor não vivido

Sabe, eu me lembro
De você a passar
Eu a te olhar
São tantos momentos.

Faz tempo eu sei
Mas você nunca soube
Que escondido te amei

Eram tantos desejos
Um abraço, um afago, um beijo
Somente eu a sentir
E o nós, sem existir

Amei-te escondido
E hoje vivo esta lacuna
E não há remédio que cure
Um amor não vivido

Nostradamus

Poluição
Guerra Fria
Lixo no portão

Esgotos
Bomba nuclear
Humanos rotos
Prestes a estourar

Nostradamus
Nós mostramos
Nostradamus
Nós mostramos

Que isso tem de acabar!
Que isso tem de acabar!!
Que isso tem de acabar!!!

Isso tende a acabar
Isso tende a acabar
Isso tende a acabar
... com o mundo.

O Bêbado e a Bailarina

A Bailarina

baila na
vida.

O Bêbado

bebe a
esperança.

A Bailarina

bebe a
dança.

O Bêbado

bebe e
dança.
2003

Maria Cristina de Sá Pereira

Sinop-MT

Síndrome do ninho vazio

Ninho vazio, ou
Ninho meio cheio e meio vazio?
Vai-se uma
Vai-se outra e
Vai-se outra
E assim a vida
também se vai
Cada uma leva o seu pouco
Pouco de riso,
Pouco de choro,
Pouco de alegria,
Pouco de vida
E assim o ninho fica
Meio cheio?
Meio vazio?
Não sei, mas fica
Fica leve
Fica triste
Fica meio vazio
Fica meio cheio
Porém, com espaço bastante
Para se encher novamente
De sonhos,
De fantasias,
De novas vontades
De viver
Sonhos ainda não vividos
Fantasias ainda por se viver

Vontades ainda reprimidas...
E vêm com tudo isso,
Barulhos,
Risos,
Vidas novas querendo aprender,
Querendo vida
E o ninho floresce novamente
Na vida dos que chegam,
Nas vontades satisfeitas,
Nas fantasias buscadas,
Nos sonhos realizados
O ninho não está vazio
Está só meio cheio
Pronto pra transbordar de vida.

Dúvida?

Às vezes
Rio
Às vezes
Remanso
Às vezes
Choro
Às vezes penso que
Sei
Sei?
Talvez....

Ser mãe

Ser mãe!
Eu não queria não...
Mas a vida é como um rio
Segue seu fluxo e nada é em vão
Muitos ainda dizem...ser mãe é fácil!
Há! Isso não é não...
Criar e alimentar até que é!
O difícil mesmo
É a educação...
Ser mãe é
Superar-se
Reconstruir-se
E de muitas coisas abrir mão
De sonhos abdicar
Para aos filhos nada faltar
Afinal Deus delegou à mulher a mais extraordinária
missão
De amar sem limites corpo alma e coração
E a cada anoitecer
Transforma-se em mulherão
Apesar das incontáveis noites acordada
Amanhece com filho (a) nos braços a contemplar
A alvorada
E o cansaço?
Esse já nem conta...
Ela se refaz
Com a habilidade de camaleoa
Mesmo diante da dor
A mais preciosa das essências
Foi o saiu de seu ventre
E se chama amor.

Flor mulher

Orquídea flor mulher de muitos desejada
Dotada de suavidade e frescor
Pétalas provocantes
Desperta sentimentos e insinuações
Dona de uma beleza fascinante
Uma Deusa cortejada
Tê-la para muitos o sonho de consumo
E essa perfeição de onde vem?
Talvez da tranquilidade de uma vida desejada a sombra
sem esforços não sei!
Mente vazia se ocupa em sugar a seiva de alguém
Não tem pressa...sabe esperar
E será atendida só Deus sabe por quem!
É audaz sente-se superior
Exuberante e valiosa
Se aproveita desse encantamento
Abraça forte
Sugando as energias de quem a ama
Flor mulher sombria asfixia
O verdadeiro amor.

Jean Carlos Dacroce

Sinop-MT

Um ser em conflito

Estou em meio a uma guerra
Contra um adversário extremamente difícil
O qual, as vezes, parece ser invencível
Como se pudesse ler meus pensamentos
Não sei como começou
Já se passaram tanto tempo que nem me reconheço
As barreiras que há em minha mente
Que há muito tempo atrás já colapsou
Já perdi a noção do tempo
Estou cansado de resistir
A este vazio que nunca parou de me consumir
O pior que nem sei que poderia existir
Ele vive em minha mente
Meu pior oponente
Conhece todas as minhas fraquezas e debilidades
Às vezes tão real que se torna um outro eu
Em busca do controle absoluto
Ele é capaz de tudo
De mentir ... De enganar ... De destruir
Possuindo apenas o desejo de existir
Já estamos a este impasse há tempos
Há tanto tempo que já nem sei diferenciar
Os meus pensamentos como o dele
Não sei por quanto tempo irei suportar
Espero que não dure tanto
Pois, quanto mais durar essa luta
Mais forte se torna
E aos poucos minha sanidade se esvazia
Ele está à espreita esperando
Um único descuido
Para acabar com tudo.

Vânia Gonçalves Castilho

Cuiabá-MT

Abandono

Hoje gritei, gritei porque me senti só, solidão e saudade e isso me aperta o coração, saber que se tem alguém por perto geograficamente mais infinitamente distante das emoções afetivas.

Senti falta de ter a mim um calor humano para me acolher, para falar-me coisas que eu preciso ouvir, para pedir algum conselho que devesse seguir, para me sentir protegida por qualquer violência ou medo do mundo externo, senti falta de ter um homem para me inspirar e admirar.

Mas tudo que senti resume-se em uma palavra, saudades. Palavra simples que várias vezes na nossa jornada não damos importância, deixamos passar como o movimento dos pássaros que voam e não voltam mais, deixamos voar das nossas cabeças como se fôssemos capazes de mudar a frequência, o destino, a jornada, a história, anular nosso passado, mas não é possível, nosso passado é justamente a composição daquilo que somos hoje, muitos com superação, elevação, outros com uma vida estagnada e milhares com uma vida infinitamente problemática que se apresentará

nos diversos campos da vida profissional e afetiva.

Deixamos passar das nossas cabeças tudo que nos é incômodo emocionalmente e de forma consciente optamos por fugir de tudo que nos incomoda, mas como o corpo é uma máquina perfeita, começa a apresentar sinais de falhas no campo laboral, familiar, afetivo ou social e sempre a desculpa mais fácil é culpar alguém.

Não tive capacidade emocional suficiente na infância, na adolescência de gritar, gritar alto através de um grito literal desses que provocam incômodo e as famílias querem esconder debaixo do tapete. Fui covarde, me deixei levar pelo medo da autoridade dos pais, medo do julgamento da igreja, da família dos amigos da escola, tudo me paralisou.

Hoje literalmente e depois de ser adulta, responsável por tudo que sou e faço, posso e vou gritar no meu coração, no meu pensamento, na minha alma, na terapia, e finalmente gritar meus sentimentos com o principal autor dele meu pai, e fui capaz de dizer meus sentimentos do pensamento, coração e comportamento o quanto senti sua falta em toda minha infância e adolescência. Hoje gritei no mais profundo da minha alma gritei de saudade e hoje eu posso olhar para um homem e dizer papai o quanto eu te amava, o quanto eu te amo e o quanto você é fundamental na construção do ser humano que me tornei.

Leni Zilioto

Sinop-MT

Passos

Hoje acordei cedo
E tive um pouco de medo.
Cumprimentei o sol,
Beije teus olhos,
Olhei o horizonte,
Pensei na guerra,
Humana.

Ensaiei
Possibilidades
De paz.

- Somente o homem é capaz!

Estourou
O preço
O medo
Lágrimas
A dor no peito
Sangue...

Eu sabia!
Hoje eu acordei
Com um pouco de medo...

Reencontro

Mesmo sorriso.
Mesmos olhos, e olhar.
Mesmo ...
Reencontrei você.
Você chorou.

Você, menino cósmico,
pura emoção,
busca equilíbrio.

As respostas, soltas,
Dispersas, diversas, livres...

E a vida segue!

À pergunta: Você é feliz?
O silêncio responde.

Senti o demônio
e o amor
em teu olhar, forte, firme, direto...
em mim!

Revivi, tudo, com nostalgia,
com culpas, e sensibilidade.

Você, em um olhar!

Sério, abre-se em um sorriso,
único, urgente, indefinido.

Amanhã!

Mafala Ya Mbumba

Maputo - Moçambique

Suplantar do Nvumira

Na década 90 havia um homem que se chamava Nvumira, vivia numa Ilha chamada Save. Sua Mãe chamava-se Ndaneta, suicidou-se quando o Nvumira tinha 7 meses. Seu Pai chamava-se Kwatamula, vanesceu porque o Nvumira nasceu com 24 dedos. A Mãe não suportou o abandono do seu marido e colgou-se. Nvumira floriu sob tutela da sua Tia materna chamada Nicuthandiza. Nvumira era um homem muito remansado e atilado! Mas subsistia municiado de misantropia em seu peito, seu coração falto de amor dos seus Pais. Não sabia o paradeiro do seu Pai, carregava uma foto na sua algibeira, única foto presenteada pela sua Tia, que servia como anamnese da fisionomia do seu Pai. Nvumira queria com assaz conhecer o seu Pai.

Passaram-se 17 anos. Nvumira não se esfalfava de mirar pelos cantos, com esperanças de ver a fisionomia do Pai, a cada dia subsistia amofinado e sentia-se tão só! Mesmo com o afago e afeição que a tia Nicuthandiza lhe proporcionava; Só a presença do Pai poderia completá-lo. Nvumira tinha tantas perguntas...Num esbelto dia! Resolveu

procurar pelo seu Pai, embarcou no barco e pôs-se a velejar nas águas do Oceano Índico.

Velejou e velejou até a uma Ilha chamada Muxu. Chegado lá. Procurou pelo mandachuva daquela Ilha, chamado Ndilequeni. Eis que identificou-se. Nvumira não tardou para indagar: Senhor na qualidade de mandachuva dessa Ilha, alguma vez viu esse rosto? Tendo mostrado a foto sempar que nutria a sua esperança...Ndilequeni bamboleou a cabeça e retrucou: Ah, Nvumira, não sei! Só sei que ele brotou numa Ilha, onde o sol raia e queima no alvorecer!!!

Nvumira entrou no seu barco e continuou a velejar...Até que desembarcou numa Ilha chamada Fikani. Reproduziu cópias da foto do Pai, colou nos locais públicos e escreveu: Procura-se este homem. Um morador abelhudo! Chamado Gukha, não resistiu ao ver as fotos coladas, eis que indagou: Esse Senhor na foto é um parente seu ou incorreu uma transgressão? Nvumira, resmungou: Esse aí é meu Pai, teve coragem de despovoar-se quando eu tinha 7 meses de vida. Na sua fisionomia era perceptível o destilar das lágrimas em seus olhos!!!

Tu és filho do Senhor das Minas de Diamantes e dos Montes Kaphiridzadje e Calowera! Rematou o Gukha. Nvumira não depreendia nada e regateou: Como assim? Olha miúdo, teu Pai é dono dessa Ilha, manda em todos...Ele é o mandachuva dessa Ilha, por

isso que eu digo que és o Filho do Senhor das opulências!!

Nvumira, não queria saber das opulências do homem que o largou ainda bebé, só queria conhecê-lo e saber o porquê dele ter se despovoado daquela Ilha? Gukha escoltou o Nvumira até ao castelo do Kwatamula. Chegado lá, encontrou seu Pai entre aspas a almoçar. Eis que suplicou ao Nvumira que se achegasse a mesa para manducar. Nvumira renuiu retrucando: Não muito obrigado! Se quisesses me nutrir, então não terias partido para bem longe!!!

Descalçou seus ténis e retirou as luvas das mãos, para o Pai mirar que aquele bebé deformado que ele largou, já floresceu...O Pai ficou boquiaberto e tentou seduzir o Nvumira. Ah, meu amado miúdo, tu floresceste muito e és tão perfeito! Nvumira chorava! E não parava de indagar:

Como é que podes brotar-me?

Como é que podes não fazer-me crescer?

Como é que podes invitar-me a tua mesa, se não sou gente para ti?

Como é que pudeste largar-me, no instante mais sensível da minha vida?

Diante daquelas questões, o Pai tremelicava e seus olhos destilavam lágrimas incessantemente...Pela primeira vez, viu-se um mandachuva profuso de Minérios ficar alquebrado! Sentiu que tinha sido leviano e que fraquejou em ter largado o seu filho. Obsecrou

que o Nvumira o perdoasse e que aceitasse todo império, como um gesto de ressarcimento pelas nequices perpetradas!!!

Nvumira aceitou o perdão obsecrado, mas não aceitou ficar com império e disse: Nenhum diamante seria capaz de ressarcir a decesso da Mãe! Mamãe autoagraduiu-se por tua causa. Perdão! Mas jamais aceitarei teu Celeiro profuso de Minérios. Só queria te conhecer, exprimir e desmuniciar esse desalento em meu peito! Sei que brotei de ti, sim! Mas não cuidou de mim. Não me considerou como o teu Filho quando bebé. É hoje ou amanhã que o serei? Saiba que jamais serei teu Filho...

Nvumira embarcou no seu barco com o seu leme apontado para sua Ilha e velejou... Resignou-se a subsistir o resto dos seus dias sem o Pai inafável! Embora todas opulências da Ilha do Pai seriam dele, mas não ficou aliciado!!!

Pais amoráveis! Não largam seus Filhos, não relevam as exterioridades...O elogiável é que os Pais aceitem os seus Filhos e cuidem deles, se não correm o transe de não ganhar a graciosidade dos Filhos e subsistirem angustiados como o Kwatamula que largou seu Filho, quando este era bebé, porque era deformado!!!

Rosane Gallert Bet

Sinop-MT

Gerundiando

Dormindo e despertando
Vou seguindo e observando
Sonhando com a vida
Voando em pensamentos
Rindo e chorando
Escrevendo em cada linha
Versificando devaneios

Peregrinando pelo mundo
Flutuando em meus delírios
Descobrimo alguns prazeres
Desafiando tantas dores
Aprendendo novos termos
Brincando com as ideias
Viajando nas palavras

Gerundiando sempre estou
Perambulando pelas letras
Procurando meu caminho
Vivendo a cada dia
Descobrimo novas formas
Pois acabado nunca está
Acabando nunca estou!

Maria Clara Flor

Sinop - MT

Estudar

Ser criança
O tempo que puder.

Estudos continuam
Crianças crescem
O tempo voa.

Cada dia aprender mais
Ser criança todo dia
Aproveitar o tempo.

Dolores Flor

Sinop - MT

Vida

A vida corre
Mundo vazio
Gente faminta
Gente pequena
Orgulho passado
Coração ferido
Madrugada fria
Sem alegria
Dai-me tua mão
Segura o pão
Alimenta irmão
Angústia me sufoca
Mas ainda resta
Compaixão.

Amanda Lima de Oliveira

Sinop-MT

Cores marcadas

Atirando

Tirano

A ti

(Branco)

A ti, ar

Preto? Atirar!

Tirar

Tirar o ar

Atiram pedras

Atiram em Pedros

Atirando

Até quando?

Liberte-se

Quando sua alma pesar
Aprenda a seguir em frente,
A culpa que você sente
Não te ajuda a caminhar.
Não adianta relutar,
Deixe tudo no passado
(Que sirva de aprendizado)
Pois se a vida é pequena,
Vivê-la só vale a pena
Com o coração sossegado.

Mafalda Moreno

Várzea Grande-MT

Criar

O silêncio
A liberdade.
A concentração
A busca
O encontro
O tema
A ação.
A alma,
A calma.

E num emaranhado
De letras e palavras
A capacidade inovadora de criar.

Encontros, amores, desamores,
Viagens, festas, surpresas,
Alegrias, desencontros, tristezas,
Dúvidas, paz, natureza,
O universo.

Irmanando fantasia com liberdade,
Na suave dança do criar e encantar,
Surgem as mais belas criações poéticas.

Ilusão

Quase vinte e duas horas
Apreensiva eu estou
Rolo pra lá e pra cá,
E o sono que não vem.
Penso milhares de coisas
Algo que eu possa escrever,
Mas a inspiração não vem.

E, sentada em minha cama.
Na quietude do momento
Procuro ressuscitar,
A esperança de novamente
Me encontrar.

E, envolta em meus pensamentos,
Em um ponto do universo vejo,
Seus lindos olhos castanhos
Bem próximo a me espreitar.

Atiro-me em seus braços
E, entre beijos e abraços,
A saciar minha sede
No idílio dessa paixão.
Mas, tudo escureceu,
Você se esvaneceu.
Eu fiquei na solidão.

E, ao cair na real.
Claramente eu descubro
Tudo o que precisava.
Que mesmo de onde estás,
És a minha inspiração.

Minha luz

O que será
quando minha luz se apagar?
Como os pensamentos meus
vou iluminar?

O sangue noturno
engolirá o tempo
enquanto o devorador de pessoas
observar a escuridão chegar!

Quando minha luz apagar
o tempo absorverá
todas as lembranças,
Já não mais haverá dia
e as trevas dominarão
o passado.

Três haicais para a Luz

O dia persiste,
mesmo quando a luz do Sol
não se manifesta.

Nas mil lentas bolhas
do vinho, um raio de sol,
ilustrou a luz minha.

Nunca admite luz
solar; perpétuo escurão,
nem brilho da Lua

Andréa Miriam Laurindo Siqueira
Maringá-PR

Abismo

Por muito tempo estendi a mão à beira do
abismo
Procurando a mão que me ergueria
Mas agora cravo essa mesma mão na rocha
E subo pelas pedras que tanto me
amedrontam
Minha escolha é solitária
Dessa queda, saio sozinha
Minha escolha é dura
Faz rugas à navalha
Escolha rude, como rudes são as paradas no
caminho
Mas sigo, e subo e saio desse abismo
Escolho, e nisso está a minha força
Escolho, e nisso reside minha vitória.

O Menino que não tinha tempo de ler

Após cursar o antigo “ensino primário” na comunidade rural de São João, onde morava, tive que ir estudar na cidadezinha de Santa Lúcia-PR, distante do sítio onde morávamos cerca de cinco quilômetros.

Iniciei na antiga quinta série (hoje 6º ano) em 1977, com doze anos de idade.

Tudo pra mim era diferente, já que, à época, estudava-se em salas multisseriadas, com uma única professora. Na quinta série, cada professor uma disciplina. Em meio a essa novidade, tive que ir me adaptando e algumas situações curiosas tive que enfrentar. Uma delas passo a contar.

Logo no primeiro dia de aula, a professora de português, após as boas vindas de praxe, foi logo avisando que, a cada bimestre, teríamos que ler um livro para, no final, respondermos algumas questões e apresentar o resumo, cuja atividade era parte da nota bimestral.

Até hoje me causa calafrios. Aquela obrigação simplesmente era uma tortura, ainda mais para um menino atacado pela timidez, oriundo da área rural que estudava na cidade.

Não tive escolha, valia nota. Tive que escolher um livro para ler e resumir para a professora. Por razões óbvias, escolhi um

“livrinho” pelo tamanho e pela capa, sem me atentar para os demais detalhes. Não sei por que cargas d’água, o livro escolhido foi Capitão Lula Contra o Diabo Negro, de Rolf Ulrici e Ayres Carlos de Souza.

Só que minha infância não era nada fácil, como todos da minha geração rurícola. Desde tenra idade já tinha que me ativar no cuidado com os animais e nas lides da roça no período oposto ao da escola.

Acordava em torno das 5 horas da manhã para tomar um café e depois rumar para a escola. O trajeto diário de ida e volta era a pé, cuja caminhada durava em torno de uma hora. Retornava por volta do meio dia. No inverno, enfrentava o frio das manhãs na ida; no verão, o calor escaldante do sol a pino na volta.

Após o retorno da escola, almoçava e na parte da tarde ia cuidar dos bichos, e ir para a roça. Brincar, só no final de semana e olha lá. Lembro-me que para irmos ao futebol aos domingos, tínhamos que deixar tudo preparado para o trato dos animais.

Então, com essa jornada não tinha muito tempo para ler, haja vista que, quando chegava à noite, cansado da labuta diária, não tinha disposição para tal mister e mal conseguia fazer a tarefa (e ai de mim se não fazia!).

Então, chegou o final do bimestre e eu havia lido apenas algumas páginas e as que havia lido nem lembrava mais do que se tratava a história.

Mas o “dia da tortura” chegou. Tinha que apresentar o resumo para a professora, que nos fornecia um questionário com algumas questões genéricas sobre a história lida. Como não havia lido fui inventando as respostas das mais variadas, oriundas de uma mente infantil e despreparada.

Ainda lembro da última pergunta formulada pela professora: “Como gostaria que acabasse a história”?

Trêmulo, suando frio, quase desmaiando, busquei coragem, não sei de onde, com o coração saindo pela boca, fui logo dizendo:

“Eu gostaria que o Capitão Lula conseguisse capturar o Diabo Negro”.

Os segundos que seguiram à resposta até a professora manifestar um ar de aprovação, foi uma eternidade. Como a professora também não havia lido o livro, obtive a nota suficiente.

Tenho ainda, após tantos anos, uma vaga lembrança daquele dia. Senti-me flutuando com a descarga do peso que pesava sobre meus ombros.

Até hoje não sei se a resposta tinha algo a ver com a história, pois ainda “não tive tempo de ler o livro”...

Um Dedo de Prosa

Apesar da simplicidade do escrito
O amigo leitor, eu cumprimento
Se porventura dele se apropria
Avigora-se o consentimento.

Se alguma reflexão, por vez suscito
Ou quem sabe, da alma um alento
Dois indivíduos, uma coautoria
Numa afinidade de pertencimento.

E juntos, irmanados num só espírito
Seja no todo, ou n'algum fragmento
Munidos de permanente euforia
Um dedo de prosa em andamento.

Para vocês, mães!

Como eu poderia explicar algo tão perfeito
Já que em vocês não existe defeito
Vocês são flores, o céu e o mar
Vocês são o verso bonito de amar

São aqueles seres que inspiram nobreza
Grandes divindades, vocês são como deusas
São impecáveis até quando estão brigando
Dizendo pra nós que estão ensinando

Possuem também o espírito guerreiro
E vocês têm uma parte que chega a dar medo
Deixá-las irritada é um erro profundo
Daria no mesmo se acabasse o mundo

Até quando estão perdidas não ficam assim
por muito tempo
Pois também são dotadas do conhecimento
Para dar carinho possuem dom natural
E utilizam sempre daquele sorriso angelical

Já são esbeltas por natureza
Mas quando se ajeitam, não tem que esqueça
Também são merecedoras da sabedoria
E dos nossos castelos vocês são as rainhas

Nem seu Criador desconfiava que poderiam
sair tão perfeitas
Vocês são as fadas, as ninfas, as musas,
portadoras de incrível beleza

E assim minha poesia chega ao final
Tomara que tenha ficado legal
Eu desejo a vocês com muitas razões
Que tenham um ótimo e feliz Dia das Mães.

Victória de Melo Maggi

Sapezal-MT

Andorinha

A dor minha

Tem uma rotina esquisita

Acorda com azia

Come abobrinha

Que comprou na feirinha

A dor minha

Dança sozinha

Assiste novela de tardezinha

E dorme com as galinhas

A dor minha

Vive na monotonia

Mas no fim

Vira andorinha

Para viver nas entrelinhas da poesia

Bifurcação

Deparo-me com uma bifurcação.

É frio e tudo me assombra.

É sempre madrugada, é sempre solidão.

É confusão.

A morte me chama para conversar.

E eu a escuto o ar some e meu peito me sufoca.

Perdão pai. Perdão mãe.

Mas a morte me chama para conversar.

Minha cabeça pira, meus olhos cegam

Às vezes a manhã vem, mas logo já é
madrugada.

Seria um triste fim?

Eu acho uma bela solução.

Então, diga-me: por que tenho que pedir sua
permissão?

Leandro Sampaio

Sapezal-MT

Caminhos e escolhas

Os caminhos escolhidos, são na realidade uma mera expressão do desejo de preencher um vazio existencial que assola corpo e alma. Mas, se eu preciso escolhe-los, esse vazio é necessário para alimentar outro desejo, de sempre está buscando novos caminhos, e que se eu os encontro meu vazio só aumenta, mais vazios, mais desejos, mais desejos, mais vazios, menos alma.

Estou perdido na certeza das minhas escolhas, seria tão bom se assim eu compreendesse, é como se eu tivesse apenas uma bala para gastar, e nem sei pra quem a arma está apontada, mas não posso errar, só que não me ensinaram atirar, isso aumenta a chance do meu fracasso e se eu falhar terei certeza que estava apontada pra mim, e serei julgado e culpado eternamente por uma sociedade que não me entende, que não se entende, por isso tenho certeza de que, o que me querem é o que eu também quero.

Os meus pés me guiam, mas não sou capaz de guia-los, mas penso que sou, meu

corpo deseja, mas não sou capaz de controlá-lo, mas penso que sou, minha alma grita, mas não sou capaz de acalmá-la, mas penso que sou... não sou capaz de pensar, mas penso que sou...

É melhor saber que está perdido, do que se perder na certeza de onde está.

Se eu soubesse que estou perdido em meio a tanto tudo, pediria ajuda, pedir ajuda? Disso me deram a certeza que não preciso não posso demonstrar sinais de fraqueza em meio a um mundo que julga os fracos, não posso demonstrar dúvidas em meio a um mundo de tantas certezas, eu não posso demonstrar sinais de derrota em um mundo que só tem lugar para os vitoriosos, eu não posso demonstrar quem eu sou em meio a um mundo de tantos que não são.

E esse ego elevado me eleva e me leva pra fora de mim, me leva para as escolhas necessárias que me encaixa em um mundo programado. Longe de mim e fora do meu eu.

É formatado por um formato que não é meu, esse sou eu.

Vitória Gabriela Glinke Rodrigues

Sapezal-MT

Alma esmaecida.

A poesia em minha mente
Só fazia perturbar;
Minha alma empolvorosa
Só queria paz.

Em melancólicos pensamentos,
me derramei.
Já logo temendo
que ela esmaecesse outra vez.

Tão dolorosa a angústia
De vê-la partir
Pois junto dela
Se vai um pedaço de mim.

Só lembranças
Irão me restar,
De minha alma sozinha
Que se foi sem hesitar.

Stories

O homem cala
Sua voz perdeu-se no áudio...
No fundo, ruídos irreconhecíveis
Palavras falhas, mudas...

O homem se congela
Nas telas (*touch screens*)
Nas *selfies* malfeitas,
Sorrisos improvisados...

O homem chora
Pelos *likes* não recebidos,
Pelos comentários contrários,
Desespera-se em vão...

O homem se condói
Pelo grupo *whats* que não rolou,
Pelos números de seguidores
Nunca suficientes...

O homem enlouquece
Pela internet "*out of order*"
Pela esvanecida e onipresente sensação.
Sôfrega webvida...

O homem se compadece
Pelas *stories* mal contadas (como esta, afinal!)
Mesmo assim continua conectado,
Até o fim!!!

Genesis.com

De um Falo-Pai
Verteu-se vida.
Semente humana,
Gerada em solo (in)fértil:
Proveta-Mãe.
Filho Narciso nasceu.
Cresceu na "jungle tec"
Entre os "malls".
Caiu em redes,
Webizou-se.
Apaixonou-se por Selfie
Geriu e seguiu "tubers"
Bugou-se.
E morreu (des)conectado.

Danielly Eduarda Ferreira de Lima

Sapezal-MT

Essa dor é profunda

como um buraco negro

A felicidade é como uma estrela distante
Inalcançável

Tudo se transforma em chuva
Após o arco íris
Mas por que os dias de chuva não passam?

Você me mostrou a luz
Naquela escuridão bonita
E por que mesmo assim não me alegrou?

Me diga coisas bonitas
Talvez sirva para algo

Suas palavras me atordoam
Então peço-lhe silêncio

A carne que te reveste
É o que tirarei proveito

O seu rosto carrega o peso
Suas palavras são um teatro sem
espectadores

Há um lugar obscuro

Sombrio, vazio
Parece que eu descrevi seu coração
Quanta semelhança

No dia que você ver
A noite já terá passado
O sol iluminara
O caminho que você chama de belo

Aquelas curvas pedem mais movimentação
Pedem por essência
Não obrigação

Um dia eu tirarei as correntes
E você partirá

Esse dia está distante
Os dias passarão devagar

Haverá lamentação
Irei mandar um desdém
Pois o momento de perder tempo com coisas
rasas já passou

Lucila Tereza Rockenbach Manfroi

Nova Canaã do Norte-MT

Poema de várias faces

Quando nasci uma anja decaída

Dessas que transitam

Entre o bem e o mal

Gritou:

- Vai se equilibrar no fio da vida,
machista por (in)cultura.

Para que tanta intolerância

Meu Zeus, Alá, Deus, Javê, Ogum...?

A tarde seria rosa, anil

Não fosse o cinza-escuro

Dos (pré)conceitos meus e teus.

A mulher atrás dos óculos

É comum, desconfiada, resistente

Detesta bigodes, barbas, ácaros.

Às vezes sente-se abandonada

Perdida de si mesma

Outras, tão forte que chega a soberba.

Vida vida curta vida

Fios longos e curtos

Fortes fracas linhas

Podem arrebentar sem aviso

Eu não devia te dizer

Mas é isso que mais me aflige:

Ser vencida

Pelos cortes dos fios da vida.

Estudar é preciso...

Aos meus colegas do mestrado

“Vamos tomar um sorvete?”

“Hoje não posso....”

...ROJO, BAKHTIN, SOARES, COSSON,
LAJOLO, ORLANDI...

“Mãe, vem jogar bola?”

“Agora não dá....”

...KLEIMAN, PAULINO, DALVI, ROUXEL,
ZILBERMAN, BAGNO...

“Bem, fica mais um pouco na cama...”

“Preciso levantar...”

...DOLS, SCHNEUWLY, AGUIAR, GIL,
REZENDE, CANDIDO...

“Precisamos de mais um parceiro para o
truco.”

“Tenho um trabalho para terminar...”

...LEFFA, SOLÉ, OLIVEIRA, JOUVE,
COSCARELLI, MAGALHÃES...

“Filhos, façam o almoço hoje!”

“De novo, mãe?!”

“Tenho leituras a realizar...”

...COLOMER, BOSI, ALVES, PETIT, BORTONI-
RICARDO, THIOLENT,...

Pós, dois anos - pouco para viver e muito que
estudar...

...OLIVEIRA, MOLLIKA, TODOROV, RUIZ,
KOCH, CAVALCANTE...

Tirza Lopes Fialho Menezes

Sapezal-MT

A imensidão azul

Tudo o que escuto são os barulhos da noite e as batidas do meu coração. tum-tum. Meu corpo pesa. tum-tum. Meus olhos pesam. E então, escuridão.

Meus olhos se abrem e tudo o que vejo é uma imensidão azul. Em poucos segundos minha mente cria os detalhes que faltavam para me ajudar a entender meu propósito neste lugar. Sou uma mergulhadora. Sinto a roupa de borracha, a máscara sobre meu rosto, e o peso do cilindro de ar em minhas costas, apesar de tudo isso se tornar praticamente imperceptível diante da beleza do que vejo: cardumes e mais cardumes de peixes. São tantas cores, tamanhos e formas que minha cabeça começa a doer. Vejo peixes palhaço, peixes lua, dourados do mar, barracudas, alguns golfinhos aqui e ali, além de infinitas outras espécies que eu seria incapaz de nomear.

Apesar da grande beleza de tudo que vejo, quero explorar mais, pois tenho a impressão que meu tempo neste lugar é mais curto do que imagino.

Mergulhando cada vez mais fundo, vou me deparando com coisas cada vez mais impressionantes. A primeira delas é um imenso cardume de águas vivas do qual me afasto

imediatamente, sabendo que aquela bela visão, ao toque, me seria mortal. Quanto mais eu desço, mais escuro fica ao meu redor, e, com a escuridão, posso notar os peixes brilhantes que me trazem luz em meio a este breu. Alguns deles, que parecem pequenas tiras transparentes com um fio de luz atravessando-lhes o corpo, se juntam a mim durante minha descida, como se soubessem que só vai ficar mais escuro e quisessem me ajudar a ver.

Quando está tão escuro que mal consigo ver ao meu redor, os peixes, que até agora me seguiam, saem nadando tão rápido que tenho certeza de que estão fugindo de algo. Mal acabo de pensar nisso quando sinto algo se movendo à minha direita. Viro-me para todos os lados tentando enxergar algo, qualquer coisa, que me ajude a ter ideia do que eu terei de enfrentar. Então, de repente, percebo que nada disso é real e desejo uma lanterna para me ajudar a enxergar. Olho para minhas mãos e vejo a tão sonhada portadora de luz. Ligo-a, mas tudo o que tenho tempo de ver é uma enorme boca que me engole por inteiro.

Desta vez, quando abro os olhos arregalados, sei que estou de volta ao mundo real. De início, fico aliviada ao saber que me livrei da imensa fera na escuridão, mas todo o alívio se esvai quando ligo meu celular e vejo que é segunda feira, seis da manhã.

João Marcelo Naedzold de Souza

São José-SC

Epitáfio Comum

José estava voltando do trabalho, sua roupa amassada e suando por estar correndo para pegar o ônibus. Odiava tudo aquilo: o trabalho sempre igual, o ônibus lotado, o caminho enlameado... Quando se abaixou para catar os papéis que caíram da maleta velha e esfarrapada, três homens uniformizados o agarraram, enquanto outros dois apontavam rifles em sua direção, outros dois examinavam um papel, que apontaram em sua direção. Era um cartaz com um rosto praticamente idêntico ao seu, exceto pelo formato um pouco mais alongado.

Um dos homens disse: "Coragem mostrar sua cara depois do que fez". José não entendia o que acontecia, mas também não protestava, o homem continuou: "Não vai falar nada, Revolucionário da Pólvora?". José reconhecia o nome, era o terrorista que já havia detonado três bombas em locais públicos. Haviam o confundido com ele?

Os agentes o colocaram num carro blindado, para o levarem para interrogatório. No caminho, José pensava que essa poderia ser sua chance de finalmente ser notado.

No interrogatório, os agentes nem precisavam forçar José a falar, "confessava" tudo, como ele havia feito as bombas com

materiais caseiros, denunciava o presidente e afirmava suas convicções anarquistas, mesmo nunca tendo se interessado em conhecer a ideologia.

Na cadeia, era respeitado pelos outros anarquistas, que lhe faziam favores. No dia em que a polícia anunciaria ao público que havia capturado o terrorista, o verdadeiro foi descoberto e confirmado como o verdadeiro Revolucionário da Pólvora.

José foi solto, voltou ao seu trabalho de sempre até ser atropelado na avenida principal. Seu corpo foi retirado e enterrado dois dias depois. Em seu funeral estiveram presentes milhares de pingos de chuva, e sua lápide.

Marilene Sousa Henning
Peixoto de Azevedo-MT

Amo te amar

Amo seu jeito de olhar,
Seu jeito de me abraçar,
De me cuidar.

Amo o seu sorriso,
seu jeito de me acariciar,
de me tocar,
de me amar.

Amo sentir os seus lábios roçando os meus
Seus dedos entrelaçados ao meus
Sentir as batidas do teu coração,
batendo no peito meu.

Amo sentir o teu cheiro
E o calor do seu corpo aquecendo o
meu. Amo o seu cuidar – pois isso me ensina a
cada vez mais,
te amar.

Onde encontro o amor

Encontro o amor

na beleza do céu estrelado
na Lua iluminando meu rosto
no perfume das flores
no canto dos pássaros
no barulho das águas
na brisa beijando o meu rosto

Mas também encontro o amor

no seu jeito de sorrir
de me fazer feliz
de me aconchegar no teu colo
de sentir o pulsar do seu coração!

Encontrar o amor, é enfim,

sentir a beleza da natureza,
fazendo todo o meu ser,
encher-se de ternura e colocar o
pulsar do seu coração, na palma da minha
mão!

Ireneu Bruno Jaeger

Sinop-MT

Para o Pai

Meto as unhas
no escuro
e estrangulo
um resto de sonho
que empapou o travesseiro.

Mas no lado avesso do sonho
não existe passado.

Então
ouço
a alma dele pairando
sobre as águas:
UM ABRAÇO PAI.

Segredos

Vou tentar esconder
meus sentimentos
nas folhas brancas
deste livro...

Temo que leitores
descubram
meus segredos
angústias
alegrias.

Embora ocultos dentro e fora
das letras os mais íntimos
se acoram
nas entrelinhas.

A hora certa

Não te ensinaram na escola a amar
Não te ensinaram na escola
Como lidar com pessoas

Não te ensinaram na escola
Autoconhecimento...
Não poderão ensinar,
Como ensinar algo que não se sabe?

Nessa escola você é aluno e professor
Nessa escola as provas são únicas,
Sua aprovação é duramente letal
Nessa escola o medo pode matar

Matar sua única oportunidade
De aprender o que você mesmo ensinará
Ao seu aluno mais fiel

Nessa escola uma oportunidade muda tudo,
E infelizmente ninguém ensinou a você
a hora certa de aproveitar.

Alucinação

Em lugar bem distante,
Pouco a pouco aconchegante
Em meio a um delírio constante,
Fim de tarde...
Sol se pondo,
Noite caindo...
Luzes iluminam o cenário
Onde não se vê maldade
Apenas criatividade
E as mais diversas paisagens!
Pessoas circulam felizes
As horas passam lentamente
A vida vagamente,
Vivendo intensamente!
Entre rimas e prosas
Versos e tramas...
Aos poucos tudo
Parece não ser lúcido,
Voltamos a realidade
Penso eu...
Que calamidade!

Darcília Lebron Vargas
Lucas do Rio Verde-MT

Incompreensível mundo dos "normais"

A boca está seca.

A vontade do grito na garganta.

Pobres loucos felizes!

...eles podem gritar.

O mundo dos "normais" é
surdo-mudo e incompreensível.

No berço do mundo

No berço do mundo...
admirável como criança, contando com a
benção de Deus.

A oração pra dormir:
_ Meu Jesuzinho obrigada!

...agora navegando nas nuvens e viajando em
uma folha seca que cai.
Suave e contida, como lágrima, que não se
apressa ao rolar.

Lágrima de alegria,
Chuva na terra,
dor de desejo,
amor.

No berço do mundo;
na escola de Deus.

Celine Vitória Martins

Sapezal-MT

Astronauta

É quem sonha
Se arrisca
É chega onde quer.

É quem luta
Quem batalha
É fazer do impossível o possível

Astronauta não é só quem chega na lua
É quem explora a sua própria órbita
É cada dimensão
Presente em seu coração

É saber que as vezes os corações
Conectam dimensões
Mas por as vezes é se sentir sozinho
Perdido
Vagando em seu próprio mundo

Fugindo do mundo rotineiro para se encontrar
É não ter vergonha das cicatrizes
E transforma-las em estrelas
É mostrar para todos os espetáculos de ser
A astronauta da sua própria órbita.

Bernadete Crecêncio Laurindo

Sinop-MT

Enlace

Enfim,
Nós!
Não mais
Sós
Enfim,
Nós
Na alegria
De sermos
Nós
Sem
A tristeza
De sermos
Sós!
Nós
Enfim
Não mais
Sós!
Enfim
Nós!

Quadro

Eu quero a paz desta manhã lavada
Eu quero a pureza deste azul de céu
Eu quero este raio indiscreto de sol
Rasgando frestas expostas

Eu quero esta brisa
Da manhã em risos,
Nos meus cabelos assanhados
E o cheiro de terra úmida
Recém-acordada
A invadir os meus sentidos

Eu quero a alquimia desta manhã
Com seus raios dourados
Exalando perfume
De brisa faceira

Eu quero!

Manoel Rodrigues Leite

Sinop-MT

Fim do coreto

Olhar a modernidade com muita admiração é muitas vezes se esquecer do passado. Vejo a simplicidade perdida na luta desenfreada do moderno que traz algo novo, não sei se é bom, apenas moderno. Eu li isso em uma coluna de jornal, daquelas pouco lida, que servem para mostrar o seu compromisso jornalístico com a denúncia e a dita intelectualidade. O texto era intitulado FIM DO CORETO, sim o coreto havia chegado ao fim, e eu quis ver essa modernidade que agora arrancara o símbolo de muitas gerações. Fui com meu filho a tal praça para constatar o fato.

Falei ao chegarmos ao local para constatação do que o jornalista denominava “delito de maior grandeza”. E falei para o meu filho

— Vá brincar, tem um parquinho ali.

— Obrigado papai, vou no escorrega, depois balanço, compra uma paleta?

— Depois, depois.

Falei sem censurar a vontade de estar no hoje preocupado com a garantia do amanhã, algo tão comum nas crianças de hoje. Vi ele correr e experimentar a obrigatoriedade de testar todos os brinquedos do parque de uma vez só, como se em outro momento poderiam não estar ali, ou se todo começo já inicia com

a pressa de um término. Não sei muito bem mas naquele instante a palavra paleta, veio com uma necessidade de definir que era apenas picolé com recheio, um picolé com modernidade e por isso “superior” e muito mais caro. Geralmente é assim a modernidade tem sentimento de superioridade com alto preço a se pagar.

— Papai! Papai! A minha paleta

— Escolhe!

— Quero de morango, chocolate, uva...

— Calma aí rapaz! Apenas uma por vez.

Pegou a paleta e também o *tablet* que sempre fica perto como um amuleto, um amigo inseparável, ou acho que até uma ponte para o mundo. É mais outras da modernidade, múltiplas escolhas, é comum hoje você não pode querer apenas um picolé. Digo picolé porque o que de fato é, mesmo sem ser moderno. As pessoas querem fazer muitas coisas sem terminar a primeira, ou ainda sem mesmo começar, deve ser esse o ritmo do progresso.

Outra coisa do tempo presente, que encontra-se ausente é a tecnologia que nos aproxima do mundo nos distanciando dele. Sim vi meu filho a interagir com um computador portátil, coisa que ele poderia fazer em casa mesmo, e deixar de lado o local de passeio. O mundo que não se está é sempre mais agradável, o por que não mais real. Pelo menos esse deveria ser o argumento de muitos, se eles realmente argumentassem.

Nessa situação de conectividade atenta de meu filho, pude me concentrar em minha missão de desvendar “o delito de maior grandeza”. E perceber que realmente o espaço da coletividade desaparecera! Pois as pessoas estavam próximas umas das outras, mas cada uma, ou cada grupo na sua, seus exercícios físicos, pequenas rodas de conversa, e muitas proximidades mediatas ou distanciadas pela tecnologia.

- É realmente acabaram com o coreto!
- O que disse papai?
- Ali havia um coreto. Bem ali!
- Mas o que é um coreto?

Pensei em explicar que coreto era o local central de uma praça. Local de celebrações, comícios, música, teatro, local da união de uma comunidade. Pensei também em falar de quanto isso era importante para as pessoas. Mas antes de começar a explanar toda a minha vivência de apego aos coretos meu filho me interrompe.

- Já sei!

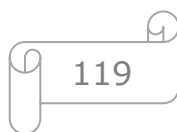
Havia “pesquisado” na *internet*, como se as informações substituíssem as vivências. Não havia mais a necessidade de comprovar o “delito de maior grandeza”, pois outros delitos já estavam no passado, que fora com o tempo também substituídos. Talvez os coretos virem moda novamente, talvez seja *retro* ou *cult* e as pessoas voltem a se conectar no presente, e principalmente com os presentes.

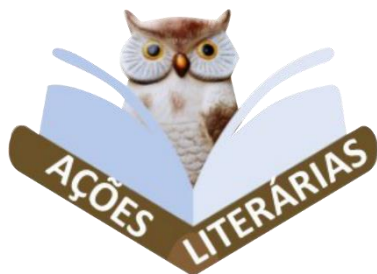
ANTOLOGIA DE ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS

Cada mês uma nova História, somos muitos espalhados em viagens encantadoras. O objetivo é ajudar você a dar o primeiro passo, ou se você já faz parte deste universo, juntar-se a nós, e ser parte deste sonho que navega por mares profundos das letras.

Participe!
A História acontece...

WhatsApp (66) 99643-5501
Ações Literárias





EDITORA

EDITORA AÇÕES LITERÁRIAS
CAIXA POSTAL 785 - SINOP - 78.551-350
FONE (66) 99643-5501
www.escritorescontemporaneos.com.br
www.saberesonline.com.br

